

ANTÔNIO CARLOS ELIZALDE OSÓRIO

CATEGORIAS DA CONTEMPORANEIDADE E A AGONIA DO FUTURO

– EXPLICAÇÃO PRELIMINAR –

Estas breves reflexões sobre a contemporaneidade e o futuro humano, com algumas indicações de como a Escola poderia atuar para torná-lo viável ou otimizá-lo, são feitas num seminário com o propósito de “ampliar quadros de referências”.

Se algum mérito têm, é o mérito de serem principalmente interrogações que o seu autor a si mesmo se faz, de poderem constituir provocações sobre alguns temas substanciais, de constituírem pontos de partida para posteriores desenvolvimentos.

Perdoem-me a audácia de algumas colocações. Justifico-me desde já lembrando TEILHARD DE CHARDIN quando disse: “na era cósmica, só o fantástico tem possibilidades de ser verdadeiro”, e Le Corbusier parece ter dito que “se nossos sonhos são tão atrevidos é porque têm possibilidade de serem realizados”.

– TERMINOLOGIA –

Por categorias de contemporaneidade entendo aquelas situações e tendências, que são substancial e caracteristicamente de nosso tempo, do tempo vivo, do tempo presente.

Por agonia do futuro, a luta agônica, no sentido unamuniano, do homem com o seu devir. A palavra agonia no seu sentido originário de combate militante, interrogativo e angustioso, me parece a mais adequada para designar a situação em que se encontra o homem contemporâneo em relação ao seu futuro, que ansiosamente aguarda ou esforçadamente procura construir.

– DIÁLOGO COM O FUTURO –

A primeira categoria de contemporaneidade, de uma nitidez impressionante, é precisamente a própria agonia do futuro. O homem atual está em diálogo, em tensão, em imantação com o futuro, que se aproxima demasiado rápido e o seduz como reino de todos os possíveis, catastróficos ou paradisíacos.

O passado perdeu o prestígio de que sempre gozou tradicionalmente, em favor do presente, ponto de arranque do futuro. O moderno, o novo, o jovem, têm sempre precedência. As civilizações anteriores valorizavam extremamente e com positividade as situações já vividas.

Eram via de regra retrospectivas, e muitas vezes saudosistas. A Idade de Ouro de tantas culturas, o “mos maiorum” dos romanos, o Paraíso Terrestre. Parecia haver a lembrança de um passado desaparecido, heróico, belo, para onde se dirigia uma retrospectiva saudosa.

No século XIX apenas, a perspectiva começou a mudar, com a ingênua fé na Ciência e no Progresso, característica desse século, que hoje parece haver passado há tanto tempo.

Tudo mudou no tempo presente. Valoriza-se o novo, o cada vez mais novo, e projeta-se a esperança ou a angústia sobre o que há de vir. Tudo dá testemunho disto, desde fatos de observação corriqueira até o clima dominante no pensamento filosófico e social.

A previsão do futuro, sob suas diversas formas, tornou-se atividade que absorve milhares de pessoas e organizações, num crescendo impressionante. Os Estados organizam serviços próprios para prever o futuro, as grandes empresas econômicas multinacionais gastam milhões e milhões de dólares tentando prognosticá-lo. Intelectuais independentes (B. Russel, Einstein,

Clube de Roma, Hudson Institute, S.E.D.E.I.S.) e as maiores universidades dedicam verbas vultosas e excelentes cérebros a tal atividade. As NAÇÕES UNIDAS patrocinaram um levantamento dos estudos futuroológicos. A Comunidade Européia planeja estabelecer um grupo permanente de análise e previsão do futuro.

A "science fiction" publica milhares de livros no mundo inteiro (só nos EE.UU. 900 títulos em 1975), e o público absorve avidamente essa literatura, muitas vezes aliás mais lúcida e até exata do que algumas pretensas previsões científicas. Em suma, a inquietação com o devir e a preocupação de prevê-lo se tornam generalizadas. Com as mais diversas técnicas e chegando aos mais diversos resultados: ora utopias delirantes, social ou tecnologicamente, ora antevistas apocalípticas.

O certo é que estamos em pleno diálogo com o futuro, em plena tensão e luta com ele, em suma, agonicamente debatendo-nos para prevê-lo, alterá-lo ou construí-lo.

– GLOBALIZAÇÃO –

A segunda categoria fundamental é a globalização. Todos os problemas básicos contemporâneos se colocam, e só assim podem ser equacionados e resolvidos, em escala planetária. O mundo se deu conta de sua unidade, que se acentua cada vez mais. Os assuntos políticos, econômicos e sociais assumem cada vez mais escala planetária, em progressiva e já real interdependência. Amplia-se a consciência de que estamos numa "espaçonave" única, que a todos abriga.

Nela tudo se tornou próximo e tudo atingível. Os meios de comunicação de massa tornaram pequeno, para o conhecimento recíproco, o que antes se imaginava grande (a Aldeia Global). As armas modernas das superpotências podem atingir qualquer ponto do globo. As empresas multinacionais dispõem de alcance mundial, e planejam e executam independentemente das fronteiras e dos interesses nacionais. Pode-se almoçar no Rio de Janeiro e jantar em Paris no mesmo dia.

A era pós-gâmica chegou a seu ápice tornando uma só a nossa nave, que aliás já procura localizar e contactar os possíveis mundos próximos.

– ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA –

A terceira característica ou categoria central do nosso tempo é a chamada aceleração da História. Tudo acontece, em todos os setores da atividade humana, com uma velocidade enormemente superior à do passado, velocidade essa que tende a atingir escala exponencial. A rapidez das mudanças, e estas próprias cada vez mais profundas, provoca mesmo o denominado Choque do Futuro (Alvin Toffler), pondo estupefatos os próprios homens que as provocaram e perderam depois o seu controle.

Algumas figurações tornam flagrante essa categoria, tornando o presente, cada vez mais, um verdadeiro bólido para o futuro. A trajetória inteira da espécie humana (50.000 anos) dividida em gerações de 62 anos cada uma se resumiria em 800 gerações. Dessas 800, 659 foram passadas nas cavernas. Durante as últimas 70 tornou-se possível a comunicação de uma com a outra, pela invenção da escrita. As últimas 6 conheceram a palavra impressa. As últimas 4 começaram a medir o tempo com alguma precisão. As duas últimas conheceram o motor elétrico. E a grande maioria dos bens que hoje usamos cotidianamente desenvolveu-se dentro da presente geração.

Outra figuração, condensando em 50 anos os cinquenta milênios da vida humana: há dez anos o homem abandonava suas cavernas trocando-as por um outro tipo de habitação. Há cinco anos se inventou a escrita; há dois anos se iniciou a era cristã. Há quinze meses Gutenberg construiu a primeira máquina impressora; há dez dias foi descoberta a eletricidade. Ontem de manhã inventaram o avião; ontem à noite, o rádio. Hoje de manhã a televisão e há um minuto o avião a jato.

– URBANIZAÇÃO –

Uma quarta categoria que parece fundamental é a do fenômeno da urbanização, característica do nosso tempo, e em plena aceleração. Durante a maior parte de sua história o homem viveu, ou nas cavernas, ou nas florestas, ou no campo, ou em aldeias, ou em burgos. De repente cada vez maior número de pessoas passou a viver em cidades, que se tornam cada vez maiores, e algumas "cidades-tentaculares", as megalópolis.

Foi rompida a dicotomia mais antiga da história, aquela entre cidade e campo (Ernst Bloch). Desse fenômeno, irreversível e hírido em si mesmo, porque não é causa mas efeito e se a cidade vai mal é porque a sociedade vai mal, decorrem conseqüências graves e da mais vária natureza. Problemas econômicos, sociais, políticos, que são a tortura de políticos, urbanistas e administradores. Conseqüências também de natureza espiritual, como mostra admiravelmente Harvey Cox (The secular city).

Os problemas criados com o processo de urbanização se integram com todos os demais problemas da sociedade, da economia, da política, numa interação que os agrava a todos.

Estudos e experiências no mundo inteiro para o seu equacionamento e solução estão longe de terem encontrado a saída para o novo "cerco da cidade", aquele que ela está fazendo em torno do homem. A cidade, que foi o berço da civilização, ameaça agora seu túmulo.

– FUTUROLOGIA –

A previsão do futuro não é exclusividade da chamada futurologia, cujo nome e algumas formas estão hoje aliás em certo desprestígio. Todas as teologias e grandes sistemas filosóficos e políticos contêm em si, de certo modo, uma futurologia,

porque meditam também sobre a vida do homem e da espécie até os seus últimos dias, individual (a morte), ou coletivamente (a escatologia). Todas são também, por assim dizer, formulações e tentativas na arte da conjectura. Analisaremos, tal o fizemos com certas categorias da contemporaneidade, algumas colocações modernas e vivas em torno do tema.

umas são marcadamente pessimistas, outras visceral ou parcialmente otimistas. umas têm raízes filosófica e teológica, outras são previsões pretensamente científicas, com projeção de variáveis baseadas em dados atuais, dos diversos setores em crise.

— CLUBE DE ROMA —

Pessimismo com base na análise de elementos relativos à explosão populacional, poluição ambiental, exaustão de recursos minerais e energéticos etc., é o do chamado Clube de Roma. O futuro seria impossível sem uma parada, mais ou menos brusca, no desenvolvimento econômico. O incremento demográfico, que entende assustador, e o crescimento econômico deveriam ser estancados imediatamente, sob pena de extermínio da espécie.

Esse congelamento universal da economia demonstrou uma direção unilateral e talvez interessada, do Norte rico contra o Sul pobre do planeta, pois atingiria, ainda que a pretexto da sobrevivência de todos, tanto os povos ricos como aqueles de padrões subumanos de consumo e qualidade de vida. Estes estariam condenados a se sacrificar, aparentemente em benefício de todos, mas desde logo em benefício dos povos nababos da terra, que estão consumindo predatoriamente os recursos do planeta.

— MODELO—MEADOWS —

Por isso, o Modelo—MEADOWS vem sendo modificado para correção desse defeito básico. Estão em estudos e debates o Projeto Bariloche e o Modelo Mesarovic-Pestel, que já anotaram com justeza que a causa real dos problemas não é material, pela falta ou extinção de recursos físicos, mas institucional, pela desigualdade entre os povos. Preconiza entre outras medidas a transferência de tecnologia para os povos do Terceiro Mundo, com capitais adequados e não escravizantes, objetivando o justo equilíbrio do conjunto humano, cujo resultado final seria uma espécie de socialismo humanista.

Posição de relativo otimismo é da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, cujo relatório final foi preparado por Barbara Ward e René Dubos (Uma terra somente), afirmando que o homem pode sobreviver ultrapassando a atual perigosíssima situação através do entendimento de sua interdependência planetária e o fortalecimento dos organismos internacionais. Posição similar é a de Arnold Toynbee, em várias obras desenvolvendo, com enorme massa de informação histórica, a idéia de que "a humanidade tem de escolher a reunificação (sob uma autoridade universal), ou suicídio em massa." Apesar de entender que o egocentrismo é insito ao homem, e seu problema fundamental, acredita que o Estado Universal é viável, devendo ao fim prevalecer o movimento unificador da espécie humana. Idêntica é a posição de TEILHARD, pela sua intuição genial.

— ETOLOGIA —

Entre as previsões pessimistas de base filosófica destaca-se a da chamada ETOLOGIA, atualmente em grande moda e muito sedutora para os espíritos sombrios. A Etologia (Desmond—Morris, Konrad Lorenz, Robert Andrey) situa o homem como um "macaco nu", que tem inscrita na sua própria natureza a agressividade, condição até agora de sobrevivência diante do meio hostil, e futuramente instrumento letal de exterminação coletiva. O homem não tem futuro algum, podendo apenas adiar o dia fatal de sua extinção, por lutas intestinas. A teoria de Andrey, do imperativo territorial, tornaria impossível a paz entre os povos, destinados irremediavelmente a se combaterem na defesa ou expansão de seus respectivos territórios, até a recíproca chacina final.

— CEREBRIZAÇÃO —

Pessimismo radical também é aquele de Oscar Ernest Bernhardt, filósofo suíço pouco conhecido, ao colocar a causa dos males humanos (o próprio "pecado original") na braquicefalia, desenvolvimento excessivo do cérebro anterior, sede do raciocínio lógico, em detrimento e atrofiamento do cérebro posterior, o cerebelo, ponto de apoio do que chama "espírito", ponto de recepção do sobrenatural. O "espírito" de Bernhardt é "grosso modo" o supraconsciente, a intuição, a inspiração, o "nous" ou "pneuma" dos antigos gregos. O cérebro teria sido instrumento essencial à conquista da natureza, mas seria hoje o germe da destruição do homem, nele próprio instalado. A teoria não é ainda confirmada experimentalmente, mas Teilhard de Chardin, ao tratar do aperfeiçoamento do cérebro do homem, escreve com o seu robusto otimismo, que esse aperfeiçoamento pode conceber-se de dois modos: "ou pondo em circuito neurônios já prontos a funcionar, mas ainda não utilizados (e como que conservados em reserva) em certas regiões (já marcadas) do encéfalo, onde só se trataria de as despertar; — ou então, quem sabe? por provocação direta (mecânica, química ou biológica) de novos arranjos" (O Lugar do Homem no Universo, p.146).

A especialização excessiva, no caso do homem a especialização cerebral, após favorecer o desenvolvimento de uma espécie, parece ser causa, segundo alguns paleontólogos, de seu desaparecimento definitivo.

Jean Choisel, divulgador da obra de Bernhardt, entende que os fatores, ao lado da cerebrização, que ameaçam o futuro humano são o modo de vida que se teria implantado em toda a humanidade. Um modo "materialista, que só leva em consideração os valores imanentes, terrestres, econômicos, comerciais e industriais. Ora, este materialismo invasor — totalmente voltado para a busca exclusiva do lucro, desdenhando qualquer outra consideração — este materialismo se implantou sobre a superfície do planeta".

— POSIÇÕES DIVERSAS —

Desmond King—Hele (The end of the Twentieth Century?) entende, face às múltiplas possibilidades cósmicas de origem externa, e aos perigos diversos oriundos de fatores terrenos, causados ou não pelo homem (bomba atômica, guerra química e bacteriológica, explosão populacional, exaustão de recursos, mutações genéticas, terremotos, destruição do ozônio da atmosfera, derretimento das calotas polares etc.), que "a resposta lógica para pergunta "Tem o Homem algum futuro?" é provavelmente não, ou, para ser mais exato, o Homem tem muitos possíveis futuros, mas os mais prováveis são todos desastrosos".

Posições de otimismo relativo são as de Bertrand Russel, Dennis Gabor, Arthur C. Clarke. O grande sociólogo russo Pitirim Sorokin, que ensina em universidades norte-americanas, também é relativamente otimista. Julga que a humanidade escapará aos enormes riscos que enfrenta, pela predominância de fatores de polarização positiva sobre aqueles de natureza negativa. Acredita que os sistemas políticos e sociais atualmente predominantes estão caminhando para convergências, obtendo-se a paz, que evitará a grande maioria dos mais graves riscos. Atribui papel preponderante para evitar-se o holocausto ao amor, como força vital, capaz de salvar a Humanidade (Tendências básicas de nossa época).

Também de otimismo relativo, por razões diversas, Hermann Kahn-Wiener, no seu conhecido livro, O Ano 2 000, Erich Jantsch, Lewis Mumford, Jacques Ellul, escrevendo este que só haverá salvação "se o número cada vez maior de pessoas se tornar plenamente cômico da ameaça que o mundo tecnológico representa para a vida pessoal e espiritual do homem, e decidir defender sua liberdade transtornando o curso dessa evolução." Erich Fromm julga que a única forma de salvação reside na humanização da sociedade tecnológica, forma de sociedade esta que é o verdadeiro perigo. Prega o que chama "administração humanizada", para substituir a atual desastrosa "administração burocrática" (Erich Fromm, A Revolução da Esperança, passim).

— CRISTIANISMO E MARXISMO —

Posições nuclearmente otimistas são as do cristianismo, em qualquer de suas formas, e do marxismo, é claro que sem terem uma doutrina própria a respeito da problemática atual decorrente de fatores materiais. É com relação ao destino final do homem que são otimistas.

No Cristianismo, a Redenção resolveu o drama do pecado original, e o Plano da Salvação se realizará com a ressurreição final e a comunhão dos santos, na beatitude eterna. Os terrores dos últimos dias e do juízo final são no fundo abafados por uma corrente vigorosa de esperança. Com relação ao homem terreno, o Cristianismo moderno põe mais acento no mandamento básico, procurando técnicas de torná-lo realmente eficaz na vida histórica. A salvação do Homem começa na terra.

Especificamente, no concernente à atual problemática, a grande voz é a deste extraordinário TEILHARD, talvez o maior pensador do Ocidente depois de Platão. Visceralmente otimista, inspira que "não devemos recear nenhum desses múltiplos desastres. Por mais possíveis que sejam em teoria, podemos estar seguros, por uma razão superior, de que NÃO ACONTECERÃO (O Fenômeno Humano, p.303, o acento é do original). E logo adiante: "no seu estado atual, não se compreenderia o Mundo, a presença nele do Reflexivo seria inexplicável, se não supuséssemos uma secreta cumplicidade do Imenso e do Ínfimo para aquecer, alimentar, manter até o fim à força de casos, de contingências e de liberdade utilizadas a Consciência aparecida entre os dois. É sobre esta cumplicidade que temos de basear-nos. O homem é insubstituível. Portanto, por mais inverossímil que seja a perspectiva, ele tem de se realizar, não necessariamente, sem dúvida, mais infalivelmente". (Id.op.pág.304).

O marxismo também é, por definição otimista. No homem construído com a supressão da alienação, que o faz reencontrar-se com o seu próprio trabalho, não dá lugar para o desespero. Considera-se um aliado da História, que conduziria infalivelmente à morte do capitalismo, e à edificação da sociedade sem classe, com a supressão do Estado. É curioso que, pretenso irmão da História, faça tanta força para tentar realizar seus fins... Sua ambição final é, no fundo, construir um novo Éden. Pensamento fundamentalmente sedutor é o do enorme filósofo alemão contemporâneo, um heterodoxo marxista, Ernst Bloch (O Princípio Esperança), para o qual a esperança é a categoria mais irredutível e fundamental ao homem, e há de se realizar.

— CONVERGÊNCIAS ASCENSIONAIS —

Em situação de riscos tão enormes, as tradicionais rotulações doutrinárias perdem sentido, e cremos estar correndo um movimento de convergências, ainda que inconsciente, entre os grandes Estados e as grandes doutrinas, tal como profetizava Teilhard de Chardin.

Mesmo as antinomias mais fundamentais parece que se estão resolvendo em convergências, e há uma extraordinária esperança de que no futuro se resolvam em sínteses.

Até o antagonismo em aparência mais áspero entre Cristianismo e Marxismo, as duas visões e projeções construtivas do homem e do mundo mais vivas e abrangentes do nosso tempo, parece estar se diluindo.

Tomando como ponto de partida colocações opostas - no Cristianismo a transcendência, no Marxismo a imanência; no Cristianismo a pessoa humana e sua irredutível liberdade pessoal, no Marxismo o valor social e a libertação coletiva, na história presente as duas posições parece se estarem encontrando axiologicamente, ainda que distantes nos seus métodos de ação e na visão do formato final do paraíso a construir. São conhecidos os encontros entre intelectuais e teólogos católicos e comunistas na França e na Itália.

Os valores mais básicos do Cristianismo, que experimenta hoje, em múltiplos traumatismos, um processo de revirginação, de remediação e de revigoramento - como o amor ao próximo, o desapego aos bens materiais, a eminência da família, a igualdade entre os homens, o respeito ao sexo -, são os valores que progressivamente assumem relevância no marxismo, ambição vigorosa, mas de impossível eficácia para atingir de per si o resultado final de construir um paraíso na terra.

Os valores marxistas fundamentais foram hauridos na mensagem cristã. É curioso observar que o marxismo, que nasceu como uma antítese ao Cristianismo, está se tornando progressivamente uma réplica menor da epístola cristã. É claro que quando falo de marxismo, não falo do marxismo institucionalizado e escolástico, que afoga o pensamento criador, deteriorado pelo poder e por interesses messiânicos ou imperialistas. Falo de uma posição filosófica, de um método de pensar, uma corrente de pensamento, uma "weltanschauung", uma formulação doutrinária que assume até mesmo um caráter religioso.

É interessante notar que se o marxismo pelos fins a que se propõe e em parte pelos resultados que pretende atingir se aproxima do Cristianismo, em cujo seio nasceu e cuja inspiração hauriu, também na sua estrutura externa - no bom e no mau - assume contornos similares aos do Cristianismo.

As similitudes são flagrantes e surpreendentes.

Tem a sua Bíblia (O Capital); o seu Messias (Carlos Marx); os seus Evangelistas (Engels, Lenine, Stalin); os seus heresiarcas, como também os seus mártires (já tantos!), a sua Confissão (a Auto-Crítica e os interrogatórios); os seus Concílios, pronunciando anátemas e definindo dogmas (Os Congressos dos P.Cs.), as suas Capitais da Fé (Moscou-Pequim, respondendo à Roma-Constantinopla); a sua Liturgia em gestos e símbolos (o punho cerrado para o ar, a foice e o martelo, a bandeira vermelha); os seus cismas (Belgrado, Pequim, Itália); as suas procissões (as paradas monumentais), o seu Túmulo Sagrado (o túmulo de Lenine, centro de peregrinações), a sua Inquisição e os seus Autos de Fé (os Tribunais Populares e os campos de concentrações, quando não as execuções sumárias e a psiquiatria política); e seu "Index Librorum Prohibitorum" (a censura e o absoluto controle do pensamento); a sua ascese física (o sacrifício da geração presente), e até mesmo os seus hábitos monacais (a túnica azul) e o seus 6º e 9º Mandamentos (a Rússia e a China são as sociedades mais pudicas da atualidade).

Parece ter sido Chesterton que disse ser o Comunismo um Cristianismo enlouquecido. Não o creio. Pode tê-lo sido o bolchevismo. O papel do Marxismo talvez o futuro venha revelá-lo - poderá ser antes o de um despertador, acordando o cristianismo institucionalizado, para vigilar sobre valores que esquecera parcialmente.

A grande falha do marxismo, que decorre do esquecimento de Deus (do qual agora parece sentir saudade), é que só se preocupa com o pão, perdida a profunda palavra do Mestre, "nem só de pão vive o homem".

Se insisti na quebra possível dessa dicotomia, é que essa representa uma grande esperança para a Humanidade. Com essa quebra desapareceria grande parte dos contrastes violentos e perigos bélicos que nos ameaçam.

- O ESTADO UNIVERSAL -

O fenômeno da globalização tornará necessário o sonho antigo do Estado Universal. Muitos disseram que o Estado Nacional é atualmente não só uma dimensão injusta como uma dimensão altamente perigosa. A imperatividade da paz e o equacionamento dos problemas em escala planetária (exaustão dos recursos naturais, poluição ambiental, desigualdade no consumo) exigem a institucionalização de uma autoridade universal.

Creio estar em pleno processo de formação essa autoridade, reclamada intensamente hoje por muitos pensadores. Seja-me permitido recordar que, em 1950, como orador da minha turma na Faculdade de Direito de Porto Alegre, da Universidade Federal, o tema do meu discurso foi o irreversível alargamento das esferas de normatividade, até chegar-se a uma autoridade internacional, com poderes coercitivos para evitar lutas fratricidas, mantendo a paz. Saudava na intervenção da ONU, para defender a desguarnecida Coréia do Sul contra a agressão comunista, o início de uma nova era, sonhada por tantos projetos desde há tantos séculos. Era jovem e pertencia a esse injustiçado movimento cívico que foi o Integralismo.

A esperança não se realizou, infelizmente. Talvez porque a Justiça é a substância da Paz, e os homens não conseguem se pôr de acordo sobre o que é a Justiça. Porque somente sob a égide de Deus, cuja Justiça é o Amor, é que poderão chegar à compreensão recíproca.

Creio estar em pleno processo de formação esta autoridade, e embora suas formas ainda estejam longe de poder ser definidas, a polarização final talvez não se realize de uma vez numa lealdade planetária, mas admita graus menores de lealdades e comandos intermediários, perante Nações, culturas, vizinhos, grupos profissionais, organizações econômicas.

A polarização dessa autoridade haverá de se fazer em torno dos eixos culturais, mais permanentes e sólidos do que os econômicos, políticos e geográficos. Como cremos também que os futuros destinos do homem podem ser decididos no ar livre

das praças públicas e não na atmosfera viciada de grandes mesas anônimas, ou nos gabinetes dos líderes de novos imperialistas, messiânicos ou predatórios.

Há indícios de que o mundo iniciará sua união política por laços culturais. Já são discerníveis as primeiras federações ou comunidades plurinacionais, por exemplo a Comunidade Européia, a ibérica (na qual se inserirá o Brasil), a árabe, a eslava, a chinesa, e, embora ainda traumatizada pela súbita aceleração sofrida, a dos povos negros africanos. Apesar da imperiosidade, viabilidade e caminhamento nesse sentido, um comando jurídico universal não será suficiente de per si. Antes dele assumir contornos de viabilidade, e começar a concretizar-se, são demasiado grandes os riscos de autodestruição da espécie humana.

A salvação do homem, mesmo na iminência, dependerá principalmente de si mesmo, como adiante vamos desenvolver.

– A SALVAÇÃO VEM DO AMOR –

Face aos grandes riscos que enfrenta a humanidade, a religião cristã, particularmente na sua linha Franciscana – amor desinteressado, paz, respeito e comunhão com a natureza, renúncia –, é fundamental à sobrevivência do homem.

Sem uma chama e um cântico de fraternidade tudo indica que as visões apocalípticas dos futurólogos pessimistas se justificarão.

Numerosas vozes, de todos os povos e posições ideológicas, indicam que é possível essa centelha de fraternidade, como a do grande poeta turco NAZIM HIKMET:

Se eu não me queimo
Se tu não te queimas
Se nós não nos queimamos
Como haveremos de produzir o incêndio
Que iluminará o futuro da humanidade?

A poesia, como mais alta forma de sabedoria, transmite e indica que existe no homem essa chama, como em FERNANDO PESSOA, o gênio português, quando diz:

Deu-me Deus o seu gládio por que eu faça
A sua santa guerra
E esta febre de Além – que me consome
E este querer Justiça – são seu nome
Em mim a vibrar.

O amor não é só uma energia espiritual, é também uma energia física, que futuramente poderá ser até mensurável nas suas projeções e efeitos. A experiência comum já pode demonstrar, com a verificação dos efeitos que produzem sobre pessoas ou grupos, gestos de simpatia, de tolerância, de desinteresse, e a literatura, repositório da experiência humana, está cheia de exemplos, sendo clássico o de Jean Valjean nos Os Miseráveis de Victor Hugo.

A história também registra exemplos do poder do amor diante de homens e diante de animais, sendo célebre o caso do Lobo de Gubbio de São Francisco de Assis. Aliás está apenas em início o fascinante estudo do poder do espírito sobre a matéria, da qual há tantos exemplos.

– A FORÇA ENERGÉTICA DO AMOR –

Experiências têm demonstrado a força do amor. É conhecida a necessidade para o recém-nascido do carinho maternal, sem o qual, apesar de todos os cuidados, ele definha e pode até morrer. O fundamental em qualquer método de tratamento psiquiátrico ou de toxicômanos é a relação de empatia que se estabelece entre terapeuta e paciente. É a radiação de compreensão e afeto que cura ou liberta o paciente. Já existem estudos que provam a influência do amor até mesmo no prolongamento da vida, sendo mais longevas as pessoas compassivas, tolerantes e afetuosas, do que aquelas agressivas, ranzinzas e intolerantes. Vivem mais os alegres extrovertidos do que os introvertidos, mais os casados que os celibatários, mais os altruístas do que os egoístas. Há um estudo estatístico abrangendo mais de 3.400 santos cristãos, católicos e ortodoxos, demonstrando que apesar das macerações físicas, condições de pobreza e falta de higiene, martírios, etc., a duração média de suas vidas era muito superior à de todos os outros grupos contemporâneos, sendo equiparável à população americana em 1920 (Pitirim Sorokin, Tendências básicas de nossa época).

O inexaurível Teilhard de Chardin, analisando o que chamou talvez pela primeira vez "amor-energia", afirma que "sob as forças do amor, os fragmentos do Mundo procuram-se para preparar o advento do Mundo. Nenhuma metáfora, nisto, e muito mais que poesia", logo adiante "só o amor, porque só ele prende e junta os seres pelo mais fundo deles mesmos, é capaz - e isto é um fato de experiência quotidiana - de completar os seres, unindo-os" (O Fenômeno Humano, pág. 292).

Esse pensador, talvez o mais fecundante e profundo lançador de idéias do nosso tempo, em numerosas passagens de

sua obra, insiste que só o amor-energia central, vital e hominizadora pode conduzir à sobrevivência e salvação da Humanidade.

E somente numa angulação sobre um Deus transcendente, Criador e PAI, e pondo de parte mesmo a verdade objetiva dessa posição, pode conduzir ao caminho da salvação da humanidade, no seu espaço terreno. Deus, cuja paternidade comum faz irmãos os homens, é necessariamente a única baliza de redenção, mesmo para uma felicidade apenas terrestre. Essa fraternidade, ensinada por Cristo e pelas grandes religiões, é a única justificação intelectual compreensiva, e a única legitimação axiológica para a fraternidade humana.

– VIABILIDADE DA EFICÁCIA DO AMOR –

Se há chances para a Humanidade, elas decorrem menos da técnica de usos de recursos materiais, do aperfeiçoamento científico ou tecnológico, ou mesmo de instrumentos institucionais humanizados, do que do coração do homem. Afirmou energeticamente F. Madox Ford: "se esta nossa civilização deve ser salva, só podemos salvá-la mediante uma mudança no coração de toda a população do globo" (in o Preço do Futuro, vários autores, pág. 7).

A salvação do homem está dentro dele mesmo, há de provir dele próprio. E acredita-mo-la possível com base nesse recurso único.

Creemos estarem visíveis, apesar do caos axiológico em que vivemos e de aparências terrificantes — guerras, e até guerras religiosas, criminalidade, filosofias e literaturas da violência, do desespero e do absurdo, toxicomania, campos de concentração etc. —, sinais de uma aperfeiçoamento moral na vida do homem. Outrora eram aceitos pela quase generalidade do corpo social e protegidos juridicamente o saque, a escravidão, a morte dos cativos, a servidão, os sistemas de castas, desigualdades raciais, de riquezas, de sexos, etc.

Hoje praticamente todo o pensamento e todos os Estados rejeitam radicalmente tais soluções, ainda que na vida real possam se comportar, decerto que com má consciência, e procurando justificar esse comportamento até com alterações semânticas, de forma diversa. E principalmente, o que por certo é significativo, todos caminham ou dizem caminhar para uma economia de bem comum, com riqueza e vida igual para todos, o que não é senão uma tensão para uma imantação, por assim dizer, no sentido do mandamento central da mensagem evangélica.

A juventude de hoje, apesar de enganosas aparências, contém em si uma alta exigência de autenticidade moral, quando não de responsabilidade pública e pessoal. Procura reencontrar o sentido e o fim dos comandos éticos, que não mais se impõem como ordens abstratas providas do alto, mas devem ser compreendidos e repensados para serem obedecidos. Parece estarmos no começo da formação de uma "moral aberta" no sentido bergsonian.

– CENTRAIS ENERGÉTICAS DE AMOR –

Se o amor é uma energia, ele haverá de ter as suas fontes geradoras, poder ser provocada a sua geração, aumentada a sua produção e organizada a sua distribuição. A fonte geradora básica do amor-agapê é a família, usinas por excelência de sua formação e centrais de sua distribuição. A família aquece o coração do homem. Filhos de famílias bem formadas tendem a ser por sua vez novos geradores e distribuidores.

Todas as organizações de fins desinteressados e altruístas, prestando serviços de qualquer natureza, são também centrais geradoras. Os serviços de recuperação de toxicômanos, os orfanatos, os asilos de velhos, os albergues, os serviços de recuperação de excepcionais e de presidiários, os clubes de serviços, esses extraordinários Rotary Clubes e Lyons Clubes, a Maçonaria, todos os chamados serviços de promoção humana são valiosos centros de produção de amor.

Mas as principais centrais energéticas, de maior poder e capacidade de produção, são as grandes religiões e os grandes santos e altruístas.

– O CRISTIANISMO –

As grandes religiões são todas basicamente produtoras de energia amorosa. Talvez se excetuem apenas aquelas da magia negra, tentativas orgulhosas de alterar o mundo em benefício próprio, e as denominadas religiões de Satã.

Elas o são de forma ainda mais forte quando ainda não institucionalizadas ou portanto, mais ou menos, corrompidas pelas tentações do poder e da riqueza temporais. Ou quando se tornam ancilas e instrumentos do poder político ou econômico.

Dentro das religiões institucionalizadas surgem periodicamente movimentos de renovação e rejuvenescimento da mensagem originária, às vezes estiolada. A tentação do exclusivismo é que diminui a força expansiva do amor que a mensagem religiosa contém, porque fá-la centrar-se sobre si mesma, afastando e rejeitando os irmãos alheios ao credo monossalvífico, todos no entanto filhos do mesmo Deus.

A grandeza das religiões está na sua abertura ampla e afetuosa sobre os homens. Nenhuma delas é dona total da Verdade, nenhuma tem o controle do caminho da Salvação, nem é guardiã de um suposto Passo das Termópilas na rota do sobrenatural, nenhuma pode cobrar pedágio nas rodovias amplas que levam a Deus, que são muitas e somente Ele a todas

conhece.

No Ocidente a grande central energética do amor tem sido o Cristianismo. O mundo ocidental seria inteiramente diferente, e talvez um destroço de ruínas sem a visita de Cristo à terra, produzindo a maior revolução moral e social de que se tem notícia, ensinando que todos os homens são iguais e que nenhum pode ser senhor do outro. Pelo amor, Cristo mudou inteiramente a face do Ocidente.

É certo que odorreu anquilosamento parcial da mensagem evangélica, que teve por causa básica o conforto do poder temporal.

Isso não impediu que a Igreja continuasse a ser uma lareira de amor, celeiro fecundo de grandes santos, luzeiros de amor até hoje transmitindo por ondas invisíveis as suas vibrações. Exemplos mais eloquentes de força amorosa, com inextinguível eficácia, são os grande santos, os evangelistas, os mártires, São Domingos, São Francisco de Assis, São Vicente de Paula, São Antônio de Lisboa, os missionários, Santa Tereza de D'Ávila, Santo Inácio de Loyola, o Padre Cícero. E sob os nossos olhos ainda, esta admirável soror Tereza de Calcutta.

As várias denominações protestantes também têm produzido e continuam a produzir fiéis servos de Cristo, dedicados intensamente aos Seu serviço e a trabalhar pelo bem dos homens.

Tudo parece indicar que há um vigoroso, embora às vezes traumático, movimento de renovação no Cristianismo. Ferve o pensamento teológico, em múltiplas iluminações.

Movimento de leigos dentro da Igreja, como a Congregação Mariana, os Vicentinos, o Apostolado da Oração, se revigoram. E surgem movimentos novos, como este extraordinário e inspirado movimento dos Cursilhos da Cristandade, do qual surgiu o T.L.C., procurando responder, em linguagem moderna, à inquietação dos jovens.

No pensamento teológico há também impulsos de renovação que são todos tentativas válidas de reencontro, sob um ou outro aspecto, do sentido originário da palavra bíblica. É o bastante lembrar o Concílio Vaticano II, sob inspiração desse extraordinário João XXIII, a Teologia da esperança, a Teologia da libertação, o Catecismo Holandês.

— A ESCOLA COMO USINA DE AMOR —

Como já expus, sendo o amor uma energia, ele há de poder ser gerado e distribuído. E a escola pode se tornar em uma das mais importantes centrais energéticas de amor.

O processo educativo é basicamente um processo de amoração. Como método, educar não é apenas ensinar, ou mesmo ensinar a aprender, formando a mente. É substancialmente amar. A receptividade do educando tem por base essencial a radiação amorosa que sente no mestre.

E como objetivo, também não é a absorção de conhecimentos. É preparar para o amor-agapê (o amor-serviço), é libertar, hominizar, redimir.

É bem verdade que a escola se tornou pequena para tão grande responsabilidade. O volume de entradas (in-puts) que consegue é bem menor do que aquele obtido pelos meios de comunicação de massa, os quais hoje em dia absorvem grande parte do tempo, tanto do jovem quanto do adulto, e até mesmo da criança.

Em contraste com a mensagem axiológica transmitida pela família e pela religião, esses veículos se prestam infelizmente, inspirados em interesses comerciais ou do Poder, para transmissão, em grande parte, de ondas de ódio, de egoísmo, de intolerância, de violência.

Não pode haver, mesmo que a Escola quisesse assumir o papel que lhe indicamos, real sucesso na hominização, na libertação, na redenção do homem, enquanto os meios de comunicação de massas continuarem a porejar predominantemente a fuligem do egocentrismo do mau gosto, do interesse material, da violência, ao invés do orvalho da paz, da arte, do desinteresse, da fraternidade.

É bem possível que, nos países de economia de mercado, se os seus detentores ou proprietários não se derem conta dessas responsabilidades, modificando os conteúdos de suas mensagens, movimentos progressivos da consciência universal venham a exigir, e obter o monopólio do Estado no seu controle.

A escola no entanto ainda não se deu conta de sua responsabilidade nesse setor, e se está alienada em sua instrumentação, e inferiorizada diante dos meios de comunicação de massa, mais ainda o está em seus fins.

E é possível educar para o amor, assim como se pode fazê-lo para o ódio, o egoísmo, a indiferença. A moderna antropologia demonstra mesmo que a educabilidade é um dos caracteres específicos do homem (John Lewis-B. Towers, *Mono desnudo* u *Homo Sapiens*, Barcelona, 1971, pág. 111).

Há muitas formas de se fazer da escola uma central geradora de amor. Em primeiro lugar com mais mestres-amigos do que professores técnicos. Em segundo lugar, entre tantas outras possíveis técnicas, pela alteração dos textos nos quais se apresentem situações, contendo ou apontando valores humanos e sociais. Estes textos hão de ser preparados, apontando para os valores positivos. Por exemplo, ao invés de se apresentarem exaustivamente, e o mais das vezes com a admiração e simpatia, os guerreiros, os invasores, os construtores de impérios, os expansionismos nacionais, hão de ser apresentados como heróis os santos, os construtores de paz, os poetas, os músicos.

Os verdadeiros heróis necessários hoje à humanidade não são os conquistadores e os guerreiros, por mais admirável e

mais útil que tenha sido o seu papel histórico em benefício de seus compatriotas. São os sábios (e menos os cientistas e técnicos), os santos, os médicos, os poetas, os músicos.

Substituíam-se o culto de Napoleão pelo de São Francisco, o culto de Alexandre e Julio Cesar pelos de Sócrates, Platão e Seneca. O de Bismarck pelo de Beethoven. Ao invés do General Custer o culto de Thoreau. Ao invés de Pedro o Grande, o de Tchaikovsky. E assim por diante.

Apresenta-se com predominância sobre a ambição de "vencer na vida" o impulso de servir. Com predominância sobre a afirmação perante o adversário, a emulação construtiva e a colaboração.

E haverá ainda outras tantas técnicas de geração amorosa na escola, particularmente a mais importante, a escola primária, aquela que abriga o homem ainda quando o seu coração está se formando, em modelagem muitas vezes imodificável.

É certo que as tendências de domínio e agressividade - que não são naturais biologicamente, mas adquiridas pela afirmação do Homem sobre o Mundo - foram necessárias à sobrevivência inicial da espécie e à conquista da natureza hostil.

Hoje, no entanto, quando o Homem dispõe, pela primeira vez, do poder de se autodestruir e destruir o planeta que o abriga (a cujo carinho está respondendo com a devastação), essas tendências são altamente negativas e profundamente perigosas.

Se a Educação não desempenhar o papel que é a sua maior responsabilidade - ensinar a amar, distribuir sentimentos de fraternidade, desapego, tolerância, paz, em suma, o Amor - estará traindo a sua função, alienada ao seu autêntico e imperioso dever no momento presente.

A difusão da mensagem do Amor, independentemente de credos específicos, constitui hoje a primeira prioridade da Humanidade e o primeiro dever dos Estados.

A família e as grandes religiões continuarão a ser usinas indispensáveis de produção amorosa. E os Estados, que têm a obrigação de lutar pelos objetivos apontados, também hão de utilizar a Escola como instrumento gerador da energia mais importante para a humanidade, o Amor.

Não há determinismos inexoráveis a nos escravizar. O homem pode modelar o seu destino, que se está desde já resolvendo, e não é um fatal "au delà" que nos espera.

Na era da Megamáquina pode parecer que não há futuro para a Humanidade. Mas um cântico de Amor pode salvá-la.